

**UM ESTUDO ACERCA DO NARRADOR E DO NARRATÁRIO
EM NÃO VERÁS PAÍS NENHUM,
ROMANCE DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO**

**A STUDY ABOUT THE NARRATOR AND NARRATARY
IN NÃO VERÁS PAÍS NENHUM,
NOVEL BY IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO**

Estela Pereira dos Santos¹ (UEM)

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo do romance *Não verás país nenhum* (2008), de Ignácio de Loyola Brandão, com foco na presença do narrador na estrutura da narrativa, o qual elege um ponto de vista para narrar e dirige-se a um narratário, instância esta que também será estudada. Para este estudo estrutural acerca do narrador e do narratário no romance, são fundamentais os conceitos teóricos de Rossum-Guyon (1976), Ligia Chiappini Leite (1987), Reis e Lopes (1988), Mieke Ball (1990), Davi Arrigucci Jr (1998), Aguiar e Silva (1983) e Norman Friedman (2002). Além disso, para discussões acerca do romance, serão utilizados: “A Pátria”, poema de Olavo Bilac (1949) e *Cadernos de literatura brasileira* (2001).

PALAVRAS-CHAVE: Narrador. Narratário. *Não verás país nenhum*. Ignácio de Loyola Brandão.

ABSTRACT: This paper presents a study of the novel *Não verás país nenhum* (2008), by Ignácio de Loyola Brandão, focusing on the presence of the narrator in the structure of the narrative, who chooses a point of view to narrate and addresses a narratee, an instance that will also be studied. For this structural study about the narrator and narratee on the novel are fundamental the theoretical concepts from Rossum-Guyon (1976), Ligia Chiappini Leite (1987), Reis and Lopes (1988), Mieke Ball (1990), Davi Arrigucci Jr (1998), Aguiar and Silva (1983) and Norman Friedman (2002). In addition, for discussions about the novel will be used: “A Pátria”, poem by Olavo Bilac (1949) and *Cadernos de literatura brasileira* (2001).

KEYWORDS: Narrator. Narratary. *Não verás país nenhum*. Ignácio de Loyola Brandão.

Introdução

Este artigo apresenta um estudo de *Não verás país nenhum* (2008), romance do escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, com foco no narrador, atendo-se ao seu ponto de vista e também ao narratário. Essas duas instâncias, narrador e narratário, serão estudadas e discutidas a partir das conceituações teóricas e discussões postuladas por Rossum-Guyon (1976), Ligia Chiappini Leite (1987), Reis e Lopes (1988), Mieke Ball (1990), Davi Arrigucci Jr (1998), Aguiar e Silva (1983) e Norman Friedman (2002).

Em seguida, a teoria aplicada ao texto literário mostrará como o narrador, portador de um ponto de vista, organiza o romance estruturalmente e apresenta os eventos por

¹ Mestra em Letras – Estudos Literários pela Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE-UEM), graduada em Letras – Português e Literaturas correspondentes (UEM).

ele narrados. Além disso, objetiva-se discutir como ele se dirige a um narratário e quais os efeitos disso dentro da estrutura narrativa. No entanto, antes de partirmos para a apresentação da teoria acerca do narrador e do narratário e também da análise de *Não verás país nenhum* (2008), faz-se necessário uma breve apresentação do romance, escrito por Ignácio de Loyola Brandão.

Publicada no ano de 1981, a obra literária de Brandão chama atenção logo no título, por se tratar de um recorte irônico dos versos de Olavo Bilac: "Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! Não verás nenhum país como este!" (BILAC, 1949, p.17), os quais abrem o poema "À Pàtria". O movimento paródico do título do romance carrega um humor doloroso, uma vez que o romance, narrado por Souza, narrador-protagonista, conta o que é São Paulo e, conseqüentemente, o Brasil, em um momento caótico, em que está tomado pela poluição, após a morte dos rios, das plantas, dos animais e no qual as pessoas fazem de tudo para sobreviver. O país é tomado pelo chamado Esquema, uma espécie de força ditatorial muito semelhante àquela de 1964, terrivelmente autoritária e violenta. No que diz respeito à qualidade de vida nesse contexto caótico, Souza nos mostra que cada vez mais só quem possui uma instável condição financeira tem acesso ao que seria básico para a sobrevivência humana como, por exemplo, água, alimentos, moradia e saúde.

Todo e qualquer assunto apresentado no romance se dá pelo ponto de vista de Souza, o narrador e protagonista que narra o caos social, político e econômico, no qual se encontra São Paulo, a partir de suas percepções, opiniões e sentimentos. Além disso, Souza apresenta questões referentes ao seu emprego, família e visões de mundo ao longo do romance, marcando sua condição de detentor de todos os aspectos narrativos e estruturais do romance.

Por fim, faz-se importante pontuar que este estudo tem como foco o narrador e no narratário, portanto não tem como objetivo discutir demais elementos narrativos presentes em **Não verás país nenhum** (2008), como personagens, espaço e tempo. O estudo focará, principalmente, em como o narrador apresenta São Paulo e como ele se dirige a um narratário, sobretudo no desfecho do romance.

O narrador e narratário: discussão teórica

No âmbito do texto literário, há sempre um ponto de vista quando alguém se propõe a narrar um romance ou conto. Acerca disso, Arrigucci Jr pontua que, “Quando vamos contar qualquer história, uma das questões básicas é esta que a historieta propõe: como narrá-la, de que ângulo narrá-la” (ARRIGUCCI JR, 1998, p. 10). Também menciona que, desse modo, elege-se um ponto de vista, isto é, “um conjunto de questões relativas ao problema do narrador, ou seja, da relação entre o narrador e o narrado, ou a enunciação e o enunciado” (ARRIGUCCI JR, 1998, p. 12).

De acordo com Mieke Bal, a focalização é marcada por “[...] uma forma específica de se ver as coisas, um determinado ângulo do qual se abordarão feitos históricos “reais” ou acontecimentos pré-fabricados”² (BAL, 1999, 107 [Tradução livre]). Nesse sentido, a focalização se trata de uma relação “[...] entre a visão daquele que vê e o que ele vê.”³ (BAL, 1999, p. 110 [Tradução livre]).

O narrador, detentor do ponto de vista dentro do texto narrativo, deve ser apontado, segundo Reis e Lopes (1988), a partir da distinção inequívoca relativa à definição de autor, uma vez que essas entidades costumam ser confundidas. O autor é uma entidade real e empírica, já o narrador deve ser “[...] entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso” (REIS; LOPES, 1988, p. 61). Além disso, o narrador

[...] é detentor de uma voz (v.) observável ao nível do enunciado por meio de *intrusões* (v.), vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas. (REIS; LOPES, 1988, p. 63).

Segundo Ligia Chiappini Moraes Leite, a tipologia de Norman Friedman acerca do narrador, dentre diversas outras teorias, é mais completa e sistemática, uma vez que levantou questões fundamentais para o entendimento dessa instância, tais como:

² Texto original: “una forma específica de ver las cosas, un cierto ángulo, ya se trate de hechos históricos “reales” o de acontecimientos pré-fabricados” (BAL, 1999, p. 107).

³ Texto original: “entre la ‘visión’, el agente que ve, y lo que se ve.” (BAL, 1999, p. 110).

1) Quem conta a HISTÓRIA? Trata-se de um NARRADOR em primeira ou em terceira pessoa? De uma personagem em primeira pessoa? Não há mais ninguém narrando? 2) de que POSIÇÃO ou ÂNGULO em relação à HISTÓRIA O NARRADOR conta? (por cima? na periferia? no centro? de frente? mudando?); 3) que canais de informação O NARRADOR usa para comunicar a HISTÓRIA ao leitor (palavras? pensamentos? percepções? sentimentos? do autor? da personagem? ou uma combinação disso tudo?); 4) a que DISTÂNCIA ele coloca o leitor da história (próximo? distante? mudando?); (LEITE, 1987, p. 25).

Ao procurar esclarecer estas questões, Friedman aponta os diversos tipos de narrador que podem existir, lembrando que essa instância, dentro de uma obra de ficção, rica em recursos narrativos, é uma questão de predominância e não de exclusividade, uma vez que é difícil encontrarmos as tipologias em estado puro.

Em relação ao narrador, Norman Friedman “[...] classifica os pontos de vista possíveis segundo um grau de <<objetividade>> que permitem atingir” (RUSSUM-GUYON, 1976, p. 29). Ele pontua que há o autor onisciente intruso; o narrador onisciente neutro; o “Eu” como testemunha; o narrador protagonista; a onisciência seletiva múltipla; a onisciência seletiva; o modo dramático e a câmera. No entanto, por uma questão de objetivo de estudo, destacaremos somente aqui o narrador-protagonista, o qual impera no romance **Não verás país nenhum**, de Ignácio de Loyola Brandão.

O narrador-protagonista é o personagem central que “Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos. [...] ele pode servir-se seja da CENA seja do SUMÁRIO” (LEITE, 1987, p. 43). Nesse sentido, há uma transferência da responsabilidade da narrativa “[...] para um dos personagens principais, que conta a estória em primeira pessoa” (FRIEDMANN, 2002, p. 176), assim “alguns outros canais de informação são eliminados e mais alguns pontos de vantagem, perdidos” (FRIEDMANN, 2002, p. 176-177).

Como já mencionado, o ponto de vista compreende a relação do narrador com universo narrado, mas é importante destacar que o narrador tem a intenção de narrar algo a alguém. Acerca disso, outro conceito teórico importante para o desenvolvimento deve ser aqui destacado: o narratário. A respeito disso, Aguiar e Silva explica que “Em muitos textos narrativos, existe um destinatário intratextual do discurso narrativo e, portanto, da história narrada. É a esta instância à qual o narrador conta a história, ou parte da história, que daremos o nome de narratário.” (AGUIAR E SILVA, 1983, p. 698).

Segundo Reis e Lopes (1988), o narratário é definido como uma entidade fictícia, algo que existe apenas textualmente, um “ser de papel”, o qual também depende de um outro “ser de papel”, isto é, o narrador, que se dirige a ele de modo expreso ou tácito.

A localização do narratário dentro da estrutura de uma obra pode ser uma tarefa dificultosa, isto decorre precisamente de essa entidade ser variavelmente visível. Além disso, o narratário é, por vezes, um sujeito não mencionado de forma explícita, todavia, entanto, excepcionalmente, “[...] o narrador pode projetar no enunciado as interrogações do narratário a que procura dar resposta” (REIS; LOPES, 1988, p. 63).

Ainda, segundo Reis e Lopes (1988), é a diversidade de situações da estrutura narrativa que vai suscitar a manifestação do narratário, o qual pode relacionar-se com diferentes funções, tais como: um elo entre narrador e leitor, auxílio no enquadramento da narração, caracterizar o próprio narrador, destacar determinados temas e até avançar uma determinada intriga. Nesse sentido, faz-se importante destacar que “[...] é o narratário quem determina a estratégia narrativa adotada pelo narrador, uma vez que a execução dessa estratégia visa em primeira instância atingir um destinatário e agir sobre ele” (REIS; LOPES, 1988, p. 63-64).

O narrador e o narratário no romance *Não verás país nenhum*

Em *Não verás país nenhum* (2008), há um narrador-protagonista. Lembrando que este narrador, nas palavras de Leite (1987), é aquele que narra de um centro fixo, no qual fica limitado, quase que exclusivamente, às suas percepções, pensamentos e sentimentos. O narrador é Souza, ex-professor de história, o qual conta o que é São Paulo do seu ponto de vista, sugerindo um futuro próximo. De acordo com Souza, trata-se de uma cidade tomada pela poluição, após a morte dos rios, das plantas, dos animais e na qual as pessoas fazem de tudo para sobreviver. São Paulo e também todo o país é tomado pelo chamado Esquema, uma espécie de força ditatorial muito semelhante àquela de 1964. Há fichas para água, escassez de alimentos e fichas de circulação, as quais limitam o direito de ir e vir dos sujeitos, distribuídas de acordo com a saúde e situação financeira de cada um. Além disso, por diversas vezes,

SANTOS, Estela Pereira dos. UM ESTUDO ACERCA DO NARRADOR E DO NARRATÁRIO *NÃO VERÁ PAÍS NENHUM*, ROMANCE DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO.

Souza fala de si, de seu emprego e de como vive em meio a esse caos e também da relação com sua esposa, Adelaide.

O romance tem início com Souza apresentando o contexto em que vive:

Tentaram de tudo para eliminar esse cheiro de morte e decomposição que nos agonia continuamente. Será que tentaram? Nada conseguiram. Os caminhões, alegremente pintados de amarelo e verde, despejam mortos, noite e dia.

[...]

Não há tempo para cremar todos os corpos. Empilham e esperam. Os esgotos se abrem ao ar livre. Descarregam, em vagonetes, na vala seca do rio. O lixo forma setenta e sete colinas que ondulam, habitadas, todas. E o sol, violento demais, corrói e apodrece a carne em poucas horas.” (BRANDÃO, 2008, p. 13).

Em meio ao caos paulistano, marcado por mortes o tempo todo, seja por falta de alimentação e água ou por doenças, Souza apresenta perguntas, dirigindo-se a alguém que não é nominado. Isso é visto no início do romance em “Será que tentaram?” (p. 13), quando menciona sobre o cheiro dos mortos que deveria ser amenizado por parte de gestores da cidade. Ainda sobre o assunto, o narrador-protagonista prossegue:

O cheiro infeto dos mortos se mistura ao dos inseticidas impotentes e aos formóis; Acre, faz o nariz sangrar em tardes de inversão atmosférica. Atravessa as máscaras obrigatórias, resseca a boca, os olhos lacrimejam, racha a pele. Ao nível do chão os animais morrem.

Forma-se uma atmosfera pestilencial que uma bateria de ventiladores possantes procura inutilmente expulsar. Para longe dos oikoumenê, palavra que os sociólogos, ociosos, recuperam da antiguidade, a fim de designar o espaço exíguo em que vivemos. Vivemos? (BRANDÃO, 2008, p. 14).

Como já mencionado, o narrador, por meio de perguntas e questionamentos explícitos, sempre se dirige a um narratário, isto é, a uma entidade fictícia, um “ser de papel” que existe dentro do texto, ao qual o narrador costuma se dirigir e até lançar perguntas e questionamentos. Tomando como exemplo o excerto acima: quando Souza diz “Vivemos?”, a pergunta é lançada ao narratário, para que ele mesmo determine, dentro do contexto caótico em São Paulo, se o próprio Souza e demais habitantes da cidade vivem, ou seja, se é possível viver de fato.

No que diz respeito a sua condição enquanto ser humano, Souza menciona se vale a pena reagir hoje, contestar tudo que lhe é imposto, tentar fazer algo para mudar o contexto em que vive. E, mais uma vez, ele lança questionamentos a um narratário a quem dirige a sua história: “Reagir agora? E se valesse a pena?” (BRANDÃO, 2008, p. 14).

Souza menciona que, em função da falta de condições básicas para viver, como água, alimento e moradia, pessoas não trabalham mais por dinheiro: “As pessoas trabalham em troca de um prato de comida, um copo de água por dia. Não querem dinheiro, só comer e beber. Aí está a grande dificuldade.”. (BRANDÃO, 2008, p. 16). E, mais uma vez, dirige-se ao narratário: “Se aceitassem dinheiro, tudo bem. Mas comida? E que dizer de água então?” (BRANDÃO, 2008, p. 16).

O narrador-protagonista, acerca de sua condição, expõe:

Lacrado por placas pregadas por fora. Assim me sinto. Contando os dias, detalhando meus passos. Sensação de que me observo em microscópio, aumentado dezenas de vezes. Quantas vezes não reconheço este Souza que desliza num líquido viscoso. Sou, todavia não pode ser eu. (BRANDÃO, 2008, p. 20).

Souza é ex-professor de uma universidade, onde ministrava aulas de História. Ele recebeu uma compulsória do Esquema (ordem que o proibia de trabalhar), em uma época na qual qualquer pronunciamento que contestasse a história oficial (escrita e reescrita pelo Esquema) era considerado crime e poderia gerar graves consequências. A partir de então, passa a trabalhar em uma repartição, na qual faz atividades administrativas, contudo isso é feito apenas uma forma de sustentar sua casa, sua mulher e seus pais: “Preciso sobreviver, tenho Adelaide, sustento meus pais” (BRANDÃO, 2008, p. 54). Souza declara, ainda, não gostar de seu trabalho, não ver sentido e importância nenhuma nele, porém isso possibilita que ele tenha fichas de água e lanches: “Vou para a repartição, a falta significa multa e diminui minha proporção de fichas para água, ou lanches. Já ando em falta, dia desses recebo nada. E ficha ninguém empresta” (BRANDÃO, 2008, p. 69).

Além disso, Souza nunca deu valor ao seu novo emprego, efetua as suas atividades porque não quer ficar vagando pela cidade que é quente demais, assim como sua casa. Muitos dias não tem vontade de ir trabalhar e acaba chegando atrasado, o que gera punições que ele não sabe quais são: “Não sei que punições posso sofrer, nunca abri o Manual. Não li, pouco me importa” (BRANDÃO, 2008, p. 29).

Acerca de seu casamento com Adelaide, o narrador-protagonista Souza só percebe o quanto ele é levado sem a devida importância quando um furo surge misteriosamente em sua mão: “Este furo, de repente, me deu uma força com que eu não contava. Não percebia. Necessitava. Desde que acordei, hoje, me sinto um estranho dentro dessa casa. Não tenho

nada a ver com ela.” (BRANDÃO, 2008, p. 56). Há anos já não discute com sua mulher, deixando que ela falasse o que bem entende, apenas a ignora. O movimento de carinho nos ombros de sua mulher, que desde o início do casamento é feito, já não faz sentido nenhum: “[...] acariciei ligeiramente seu ombro esquerdo (é, não sinto prazer)” (BRANDÃO, 2008, p. 58). Assim, seu casamento é uma espécie de lugar seguro em meio ao caos.

Com a falta de água, à qual só tinha acesso quem tinha condições financeiras favoráveis para a compra de fichas, e com a falta de alimentos, aos quais também só tinham acesso quem possuía bastante dinheiro para comprá-los, São Paulo passa a viver em um estado caótico, casas eram invadidas e tomadas, estabelecimentos de todos os seguimentos também. Além disso, com o tempo, o sol fica tão violento que sair de casa torna-se um ato perigo, pois vidas passam a ser aniquiladas em questão de minutos por causa dos fortes raios solares.

A respeito da seca, Souza apresenta como ela se deu e o caos que gerou, de acordo com o seu ponto de vista:

As secas definitivas vieram logo após o grande deserto amazônico. Um ano sem uma gota de água e as represas de São Paulo se esgotaram. Apavorado, o povo fazia promessas, enchia as igrejas. Organizavam procissões, novenas, romarias. Inúteis. Poços artesanais começaram a ser abertos às pressas, às centenas.

Por muito tempo, a secretaria de obras trabalhou em poços. Todas as verbas foram desviadas para os programas de água. Cada estado contou consigo, não havia possibilidade de ajudar o outro. O problema era igual para todos, estavam à beira da calamidade. Charlatões, fazedores de chuva enriqueceram.

As chuvas não vieram. De nada adiantaram as procissões, rezas, trezenas, missas, macumbas. Padres gritavam no púlpito que tinha chegado o juízo final. (BRANDÃO, 2008, p. 116-117).

Com a escassez de água e também a danificação da camada de ozônio, o sol passa a se tornar violentamente quente. Pessoas começaram a fugir para São Paulo em busca de um sol mais ameno. No entanto, a falta de alimento e água em todos os lugares é gritante, as pessoas passam também a ficar doentes por não se alimentarem bem e não tomarem água. Muitos adquiriam uma aparência assustadora, sobretudo os que vieram de outros estados, como do Norte e Nordeste.

Com relação à aparência dessas pessoas, é interessante atentar para o modo como o narrador e protagonista apresenta-os, pelo recurso da adjetivação: “[...] os carecas [por conta do sol], os despelancados e também uma gente que nunca tinha visto antes. Têm olhos quase fechados cheios de remelas, como se os globos estivessem inflamados” (BRANDÃO, 2008, p.

SANTOS, Estela Pereira dos. UM ESTUDO ACERCA DO NARRADOR E DO NARRATÁRIO *NÃO VERÁ PAÍS NENHUM*, ROMANCE DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO.

91-92). A adjetivação, caracterizando os homens como “carecas” – por conta do sol quente que corrói parte da pele –, “despelancados” ou de olhos quase fechados, mostra como Souza enxerga esses sujeitos, que fogem do calor violento e buscam alimentos e água em São Paulo para sobreviverem.

Sobre a questão da escassez de alimentos, o narrador-protagonista destaca “Não chegamos a comer raízes porque elas não existem mais. Esgotamos praticamente tudo. Dependemos das indústrias químicas governamentais ou do que é importado das fechadas reservas multinacionais.” (BRANDÃO, 2008, p. 36). Evidentemente, só compra tais alimentos, denominados factícios, quem tem um bom poder financeiro, assim funciona a sociedade existente no romance.

Acerca desses alimentos factícios, Souza denuncia um jogo que há por trás deles, uma química, arma infalível de controlar o povo: “Os aditivos tranquilizantes. Doses homeopáticas, que vão minando o organismo. Corroendo a vontade, acomodando.” (BRANDÃO, 2008, p. 124). Desse modo, a tranquilidade é injetada direto nos corpos da população sem nenhuma dificuldade, uma vez que todos necessitam de se alimentar ou morrem de fome.

Em um momento da narrativa, ao denunciar todo o contexto social no qual se encontra, temos o narrador falando ao narratário de modo bastante explícito:

Temos de convir. Vocês são felizes conhecendo coisas que estão por vir. Nem todo mundo tem o privilégio. Não me perguntem: o que podemos fazer para evitar que tal época venha a existir? Se moverem um parafuso dentro da ordem das coisas, o que estou vivendo não acontecerá (BRANDÃO, 2008, p. 330).

Não há como identificar a quem, de fato, Souza se dirige, uma vez que apenas é dito por ele “Vocês”. O que podemos asseverar é que ele dá um alerta para o narratário, coloca-se na posição de aquele que vem, por meio do texto, solicitar que este se mova, faça algo para que o Brasil não chegue ao caos existente no contexto narrativo, isto é, para que não deixem que o país seja desmatado, que animais e plantas morram, que as águas sequem, que uma forma repressiva, muito semelhante ao período ditatorial brasileiro, governe o povo.

Em entrevista a **Cadernos de Literatura Brasileira** (2001), o escritor Ignácio de Loyola Brandão menciona que a sua grande ambição com o livro era justamente esse: um alerta. Desejava “provocar um tal horror nas pessoas para que, em determinado momento, elas

se perguntassem o que deveriam fazer para evitar aquilo tudo” (CADERNOS, 2001, p 54). Embora este artigo não se baseie em questões biográficas, é impossível ignorar que a ambição do autor com a publicação do livro foi transposta para o narrador-protagonista, Souza.

O romance apresenta também o momento em que a mulher de Souza vai embora, por não suportar a anomalia que surgiu na mão dele, isto é, o furo. Após isso, a sua casa é tomada por carecas de pele seca e escamada. Evidentemente, tirar os homens de sua casa não seria fácil, eram mais fortes que ele e armados. No entanto, Souza não faz nada para tirá-los de sua casa, aceitou a condição de dividir sua casa com aqueles homens estranhos, demarcando sua condição de um ser passivo. Também não procura saber do paradeiro de Adelaide efetivamente, o que sabe são apenas boatos de onde ela possa estar.

Souza acaba apenas por vagar pelas ruas de São Paulo, sem rumo e sem ideia do que fazer. Diz que vai voltar para Adelaide, mas, a cada momento que passa, essa ideia é apenas uma realidade distante, uma vez que Souza não age para que isso se concretize. Seu destino final é as Marquises Extensa, as quais são apresentadas no texto da seguinte maneira: “O ESQUEMA ESTÁ ENTREGANDO AS MARQUISES, A GRANDE SOLUÇÃO PARA OS DIAS DE CALOR – NINGUÉM MAIS AO DESABRIGO – ESPLÊNDIDA REALIZAÇÃO DO MINISTÉRIO SOCIAL” (BRANDÃO, 2008, p. 331). Quando o sol começa a fritar miolos e matar mais que a fome, o Esquema divulgou a sua solução, um novo projeto arquitetônico: as Marquises Extensas. A grande solução para os dias de sol muito quente.

Esse projeto arquitetônico nada mais é que uma marquise gigantesca destinada a abrigar a população, uma cobertura para que o povo não tome sol. No entanto, nela não há sinal de ventilação, há pouquíssimas lâmpadas e quase não se vê banheiros e bebedouros. Além disso, não é qualquer pessoa que tem direito a ficar embaixo das Marquises, pois as pessoas passam por um exame que dirá se elas estão ou não saudáveis e, caso não estejam, protegê-las é perda de tempo e espaço. Nas Marquises Extensas, há superlotação, o que não fazia o ambiente ser nem minimamente agradável; os mais fracos e velhos eram costumeiramente espremidos e jogados para além dos limites das Marquises e, em questão de minutos, desapareciam como se jamais tivessem existido.

Considerando-se o momento em que Souza passa a vagar pela cidade e vai terminar embaixo das Marquises, focaremos acima de tudo no narratário ao qual ele se dirige. Acerca desta obra arquitetônica, o narrador-protagonista comenta:

Acenadas como a esperança. Fora delas não há salvação, garantiu a Intensa Propaganda Oficial.

[...]

Tudo o que queremos é uma sombra sobre as nossas cabeças durante o dia. Não parece muito. Digo, não é nada. No entanto, repito sempre, país maluco este, em que o nada se transforma em tudo. As Marquises, solução final. A sombra e a espera. Digam: não é curioso esperar sem saber o quê? (BRANDÃO, 2008, p. 339).

Novamente, o narrador-protagonista fala ao narratário. De modo irônico e ao mesmo tempo crítico, Souza dirige-se a ele para questionar se não é curioso o fato de os habitantes de São Paulo esperarem por nada em uma marquise, uma vez que não há o que fazer lá, não há o que esperar. Lá aguardam apenas pelo resto de seus dias, torcendo para não serem jogados ao sol, o que resultaria em morte.

Prossegue lançando questões ao narratário:

Alguém em sã consciência pode acreditar numa marquise gigantesca destinada a abrigar uma população embaixo? Sim, nada mais que marquise. Cobertura para o povo não tomar sol. Tem sentido? Pois digo que tem. Talvez não para você que está de fora, longe, bem longe desta era solar (BRANDÃO, 2008, p. 339).

Como dito na citação acima, o narrador-personagem lança ao narratário perguntas sobre o absurdo do contexto social. No entanto, ele mesmo responde essas perguntas, pois acredita que, para o narratário, não veria sentido em nada, pois ele se encontra localizado distante da era solar existente no romance.

O narrador-protagonista Souza mostra-se imperativo a respeito do que o narratário tem conhecimento, desse modo, parece saber a quem se dirige ao contar os fatos.

Sabe o que é o sol verrumando na sua cabeça, como um parafuso entrando direto, mais fulminante que aneurisma? Não sabe. Tudo que sabe é aquele sol de praia em verões cariocas ou nordestinos. Sol que avermelha, depois faz a pele descascar inocentemente, com um pouco de cócegas. (BRANDÃO, 2008, p. 340)

A partir desse trecho destacado acima, podemos ver que Souza delimita o que o narratário sabe e o que não sabe. Ele diz que este não conhece o sol violento, que aniquila vidas, dentro do contexto paulistano do romance. O narratário tem conhecimento apenas acerca do sol quente do verão, o qual bronzeia a pele das pessoas nas praias cariocas ou nordestinas.

Desse modo, o narrador-protagonista evidencia que seu narratário, embora não nominado, está localizado antes do período catastrófico no qual se passa o romance, no qual ainda existem praias e no qual o sol ainda é agradável e não violento. No contexto do romance, não existem mais praias, quase não há água nem mesmo para consumo próprio, pois o desmatamento e a poluição acabaram com boa parte de tudo que era próprio da natureza. Souza, nesse sentido, apresenta um futuro em sua narrativa, talvez possível, e parece alertar seu narratário sobre o que pode estar por vir, caso o meio ambiente não seja preservado.

O romance termina com Souza mencionando que tem a impressão de ter sentido cheiro de chuva, uma esperança remota de que ela ainda exista, e mais uma vez dirige-se ao narratário: “Pode ser que este cheiro molhado venha de um ponto tão remoto que vai demorar muito a chegar. Aposto tudo que é chuva. Alguém sabe se está chovendo por aí?” (BRANDÃO, 2008, p. 381).

Considerações finais

No romance **Não verás país nenhum**, de Ignácio de Loyola Brandão, temos um narrador-protagonista, de acordo com a tipologia de Norman Friedman. Esse narrador é Souza, um ex-professor de História que recebeu uma compulsória do Esquema. Ele narra sobre o caos social, político e econômico de São Paulo, no qual se encontra e também todos os demais habitantes de São Paulo, após a morte de todos os recursos naturais e sob um governo altamente repressor, o Esquema.

O narrador nos apresenta, portanto, os acontecimentos de acordo com o seu ponto de vista, isto é, tudo o que é colocado dentro da estrutura narrativa, é baseado em suas percepções, opiniões e sentimentos. O modo como tudo é caracterizado dentro da história, parte dele, que é também o protagonista do romance.

SANTOS, Estela Pereira dos. UM ESTUDO ACERCA DO NARRADOR E DO NARRATÁRIO *NÃO VERÁ PAÍS NENHUM*, ROMANCE DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO.

O narrador-protagonista, Souza, dirige-se ao longo de seu percurso narrativo a um narratário, ao qual lança pergunta, questionamentos e conta os fatos. Por vezes, esse narratário é marcado pelos termos “Alguém”, “você”, mas de modo geral o narrador se dirige a ela por meio de perguntas, explicitadas ao longo da análise do romance.

Além disso, o narrador localiza o período em que vive o narratário e o que existe em seu “mundo”, quando diz que este pode evitar que o país não chegue ao caos social existente no romance, ou quando diz que o narratário só conhece o sol das praias cariocas e nordestinas, lembrando que no contexto em que se passa o romance, onde localiza-se Souza, não há mais praias.

Por fim, podemos dizer que o narrador-protagonista parece se ver no papel de informar o narratário e alertá-lo sobre o que pode esperá-lo, caso o mundo chegue ao contexto social existente no romance, marcado pela falta de humanidade, de recursos naturais e de liberdade. Um estudo acerca do narrador e do narratário em **Não verás país nenhum** (2008) é de fundamental importância, uma vez que ambas são instâncias que corroboram para a construção estrutural da obra literária.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983, p. 698-699.

ARRIGUCCI JR, Davi. **Teoria da narrativa**: posições do narrador. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 31, n. 57, p. 9-43, set. 1998. Disponível em: <https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296652/mod_resource/content/1/Arriguucci%20Teoria%20da%20Narrativa%20completo.pdf> Acesso em: 9 de fev. de 2017.

BAL, Mieke. **Teoría de La Narrativa**: una introducción a la narratología. Madrid: Ediciones Cátedra, 1990.

BILAC, Olavo. A Pátria. In: _____. **Poesias infantis**. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. São Paulo: Global, 2008.

CADERNOS de literatura brasileira. **Ignácio de Loyola Brandão**. nº 11. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2001.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção**: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, março/maio, 2002.

SANTOS, Estela Pereira dos. UM ESTUDO ACERCA DO NARRADOR E DO NARRATÁRIO *NÃO VERÁ PAÍS NENHUM*, ROMANCE DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO.

LEITE, Lígia Chiapinni Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo. Editora Ática, 1987.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

ROSSUM-GUYON, Françoise Van. Ponto de vista ou perspectiva narrativa – Teorias e conceitos críticos. In: HAMON, Philippe. **Categorias da narrativa**. Lisboa: Vega/Universidade, 1976, p. 20-30.

Recebido em 18/08/2018

Aprovado em 08/02/2019